



Rosa dos Ventos  
ISSN: 2178-9061  
rrvucs@gmail.com  
Universidade de Caxias do Sul  
Brasil

# PARA ALÉM DO COMÉRCIO DE COMIDA TRADICIONAL: O EMPREENDEDORISMO ÉTNICO DE REFUGIADOS [SÃO PAULO-SP, BRASIL]

**RUSTOMGY, VERA LÚCIA STAHELIN; BASTOS, SÊNIA REGINA**

PARA ALÉM DO COMÉRCIO DE COMIDA TRADICIONAL: O EMPREENDEDORISMO ÉTNICO DE  
REFUGIADOS [SÃO PAULO-SP, BRASIL]

Rosa dos Ventos, vol. 12, núm. 4, 2020

Universidade de Caxias do Sul, Brasil

**Disponível em:** <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=473564632005>

**DOI:** <https://doi.org/10.18226/21789061.v12i4p860>

## PARA ALÉM DO COMÉRCIO DE COMIDA TRADICIONAL: O EMPREENDEDORISMO ÉTNICO DE REFUGIADOS [SÃO PAULO-SP, BRASIL]

Beyond Traditional Food Trade: Ethnic Refugee Entrepreneurship [São Paulo, Brazil]

*VERA LÚCIA STAHELIN RUSTOMGY*  
Centro Universitário FMU, Brasil  
verinharustomgy@gmail.com

DOI: <https://doi.org/10.18226/21789061.v12i4p860>  
Redalyc: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=473564632005>

*SÊNIA REGINA BASTOS*  
Universidade Anhembi Morumbi, Brasil  
srbastos@anhembi.br

Recepção: 21 Outubro 2019  
Aprovação: 29 Setembro 2020

### RESUMO:

O presente artigo problematiza os aspectos simbólicos do comércio de comida tradicional, de diferentes origens étnicas, protagonizado por refugiados empreendedores na cidade de São Paulo, e tem por objeto de estudo a venda da denominada comida étnica/tradicional, em pequenos empreendimentos naquela cidade. A metodologia empregada é de caráter qualitativo, por meio de uma reflexão teórica, tendo como embasamento obras oriundas das Ciências Sociais e artigos advindos de levantamentos exploratórios, realizados na base de Periódicos da Capes, Scopus e Google Acadêmico. Os artigos utilizados abordam conceitos como comércio étnico, comida étnica, herança cultural, práticas alimentares, dentre outros, que permitem analisar o empreendedorismo étnico protagonizado por refugiados em São Paulo e o associa a fenômenos que permitem estabelecer uma reflexão sobre porque optam por empreender nessa área, dado que a comida se relaciona às lembranças, cultura e identidade dos migrantes.

**PALAVRAS-CHAVE:** Hospitalidade, Comida Tradicional, Empreendedorismo Étnico, Refugiado, São Paulo-SP, Brasil.

### ABSTRACT:

This article discusses symbolic aspects of the trade of traditional foods of different ethnic origins, led by enterprising refugees in the city of São Paulo, and has as its object of study the sale of the so-called ethnic / traditional foods in small enterprises in that city. The methodology used is qualitative, through a theoretical reflection, based on works from the Social Sciences and articles from exploratory surveys, conducted based on Capes Journals, Scopus and Google Scholar. The articles used address concepts such as ethnic commerce, ethnic food, cultural heritage, dietary practices, among others, which allow the analysis of ethnic entrepreneurship led by refugees in São Paulo and associates it with phenomena that allow us to establish a reflection on why they choose to undertake this area. as food relates to the memories, culture and identity of migrants.

**KEYWORDS:** Hospitality, Traditional Food, Ethnic Entrepreneurship, Refugee, Sao Paulo-SP, Brazil.

### INTRODUÇÃO

O presente artigo problematiza os aspectos não-econômicos do comércio de comida tradicional, de diferentes origens étnicas, protagonizado por refugiados empreendedores na cidade de São Paulo. A contribuição deste estudo para o campo acadêmico se insere na abordagem ainda pouco explorada do empreendedorismo étnico protagonizado por refugiados, associado a outros fenômenos a ele atrelados, tais como food nostalgia, tradições alimentares, entre outros, que permitem estabelecer uma reflexão sobre porque eles optam por empreender nessa área, que é o objetivo do presente estudo. É sabido que a comida se relaciona às lembranças, cultura e identidade dos migrantes em geral (Vallianatos & Raine, 2008; Moffat, Mohammed & Newbold,

2017), elementos talvez não tão presentes em outras áreas, nas quais também poderiam abrir pequenos negócios.

A fim de se compreender o contexto do refúgio e os direitos relativos a ele, Derrida (2003), ao retomar Kant (1884) a respeito do direito de ir e vir, discute o argumento do referido filósofo, que preconizava que o homem tem liberdade de ir e vir, isto é, de se movimentar fora de suas fronteiras, no entanto, com a restrição de não poder permanecer em um território que não seja o seu. Em outras palavras, Kant entende como um *imperativo categórico* [fato, direito irrevogável], para usar seus termos, a liberdade do ser humano de se deslocar para além de seus domínios, adentrando novos territórios, novas nações, contanto, que ali não venha a fixar residência. Derrida (2003) avança nesta questão ao propor que o estrangeiro, o desconhecido, inclusive os sem documentos, dentre eles os refugiados, possam não apenas transitar e, sim, vir a se fixar, constituindo moradia no país no qual tenham sido recebidos. Logo, segundo Derrida (2003), por uma questão de princípio humano, a hospitalidade incondicional deve ser oferecida a quem dela necessite.

Camargo e Herédia (2018) após discorrerem sobre diferentes concepções de Hospitalidade (Mauss, 1974; Derrida, 2003; Kant, 1989; Lévinas, 1988 *apud* Camargo & Herédia, 2018) apontam as contradições vivenciadas pelos imigrantes, nas migrações internacionais:

Observa-se que, cada vez mais, surgem questionamentos a respeito da situação atual das migrações internacionais, realizadas como solução para as populações vítimas de guerras, conflitos políticos, violência urbana, miséria e crise econômica. Significa que, quem se desloca, pode sofrer preconceitos e discriminações culturais, sociais, econômicas, raciais, dependendo do interesse de quem os recebe. No entanto, é necessário lembrar que tanto quem recebe quanto quem está sendo recebido, precisa acolher o outro para que haja uma hospitalidade incondicional, sem obrigações (p.391).

Dessa maneira, Camargo e Herédia (2018) colocam que é necessário a existência de uma acolhida sem obrigações ou imposições legais, genuína, sem imposição da reciprocidade para que de fato exista a denominada *hospitalidade incondicional*. E que também os chamados ‘deslocados’, seres humanos que migram por diferentes motivos, sofrem preconceitos e discriminações de diversas ordens [sociais, econômicas, raciais etc.], dependendo do interesse do país ou de quem os recebem.

A metodologia empregada no presente artigo caracteriza-se como uma reflexão teórica, tendo como base obras e artigos advindos de levantamento de caráter exploratório realizado na base de Periódicos da Capes, Scopus e Google Acadêmico. O levantamento de artigos científicos e outras referências ocorreu em dois momentos distintos: o primeiro, durante os meses de maio e junho de 2018 e o segundo em abril de 2019. Na busca de 2018, empreendida na Base de Periódicos da Capes e Google Acadêmico, os termos <refugiado>, <migração>, <imigrante>, <comida>, <São Paulo> e <Brasil>, retornaram cerca de quinze mil ocorrências, filtradas a partir de intervalo cronológico [2014-2018] e relevância às temáticas buscadas: a relação com os fluxos migratórios Sul-Sul e a inserção de refugiados a partir do empreendedorismo [étnico], na área de alimentação. Restrita aos artigos publicados entre 2014 e 2019, de língua inglesa na área de Ciências Sociais, os termos pesquisados na Base Scopus em 2019, foram <food AND refugee> e <food AND heritage (cultural)>.

O artigo compreende sete itens, inclusa esta Introdução e, ao final, a Conclusão. No item ‘O empreendedorismo étnico de refugiados’, a problemática é colocada e contextualizada por autores como Bauman (2003; 2017), a fim de se compreender o que está por trás da crise das migrações, além de definir migrante e refugiado. No item ‘Tradições culturais, comércio e empreendedorismo étnico: os outsiders e os estabelecidos’ são desenvolvidos conceitos fundamentais a fim de compreender a razão pela qual os refugiados acabam por se inserir no empreendedorismo étnico, sobretudo, na área de gastronomia. O item ‘O empreendedorismo étnico gastronômico enquanto inserção social dos refugiados’ discute a fundamentação teórica alcançada a partir dessa pesquisa. Para traçar um panorama dos estudos relativos à comensalidade, o item ‘Tendências temáticas nos estudos de comensalidade’ apresenta conceitos atuais como *foodways*, *patrimônio cultural imaterial*, *food nostalgia* e temas relacionados. Ao passo que as implicações

não comerciais na venda de comidas tradicionais pelos refugiados são analisadas no item 'Resultados: trocas realizadas além da esfera mercantil'.

## O EMPREENDEDORISMO ÉTNICO DE REFUGIADOS

A Agência da Organização das Nações Unidas para os Refugiados aponta 70,8 milhões de pessoas deslocadas à força no mundo (ACNUR, 2018a). As diversas diásporas[i] possuem os mais diferentes motivos, perseguições de caráter religioso, político, por orientação sexual, conflitos armados e guerras, fome, miséria, dentre outras. Bauman (2017) aponta que desde o início dos tempos, pessoas batem à porta de outras, pelos motivos anteriormente elencados. Para os que estão do lado de dentro, tais pessoas são hóspedes indesejados, são estranhos. E estranhos tendem a gerar medo e ansiedade, justamente por serem o desconhecido. Somada à essa problemática da crise migratória, Bauman (2003) coloca que o distanciamento, indiferença e desengajamento dos afortunados, resultam num abandono do compromisso com os pobres, uma espécie de isenção de responsabilidade com a sociedade.

A fim de pontuar diferenças significativas entre os tipos de deslocamentos humanos, para que se compreenda quem são os atores do fenômeno aqui investigado, os refugiados, faz-se necessário recorrer aos conceitos de migrantes e de refugiados. Enquanto o termo migrante se refere ao que migra para outro país, por movimento espontâneo, preponderantemente, por motivo econômico, em busca de melhoria de vida e de um mercado de trabalho mais promissor, o termo refugiado aplica-se à pessoa protegida pelo direito internacional. Essa proteção estende-se às pessoas que, devido a temores de perseguição política, religiosa, por orientação sexual, conflitos, violências e outras circunstâncias [calamitosas] encontram-se fora de seus países originários e necessitam de proteção internacional (ACNUR, 2018b). Por terem que deixar suas casas, suas raízes, se veem na eminência de atravessar fronteiras em busca de refúgio. Contam com a assistência [documentação, moradia provisória, alimentação etc.] e o apoio da ACNUR para recomeçar suas vidas em um território, para si, seguro. Segundo o Relatório de Tendências Globais de Deslocamentos Forçados, em 2017 os cinco países que juntos totalizam 68% dos refugiados [origem] foram Síria, Afeganistão, Sudão do Sul, Mianmar e Somália (ACNUR, 2018b). No caso brasileiro, e principalmente paulistano, as nações da população de refugiados estão representadas por sírios, senegaleses, congolezes, palestinos, haitianos e, mais recentemente, venezuelanos, entre outras (IBGE, 2011).

A história da cidade de São Paulo é caracterizada por diversos movimentos migratórios, sobretudo nos séculos XIX e XX, fenômeno também presente nos Estados Unidos da América, onde ocorreu intenso surgimento de novos negócios, durante as décadas de 1820 e 1830, em sua maior parte, de pequeno porte (Bastos, 2004). Halter (2007) coloca que, seja por barreiras linguísticas, seja por necessitarem de credenciais acadêmicas, os imigrantes acabam por empreender em maior volume, se comparado ao cidadão norte-americano. A fim de ilustrar essa constatação, a autora cita um dado da Fundação Kauffman, de 2006, o qual aponta que enquanto 280 norte-americanos natos empreendiam a cada 100 mil habitantes, o número de imigrantes empreendedores era de 350 para esse mesmo montante. Outro dado relevante apontado por Halter (2007) se refere a que são as pequenas empresas as maiores geradoras de empregos na economia norte-americana. Assim como no Brasil, não são as megacorporações responsáveis pela maior parte da geração de empregos e, sim, as micro e pequenas empresas, como aponta pesquisa da Agência de Notícias do Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae, 2019).

Inserido nessa realidade, o refugiado no Brasil encontra dificuldades e burocracia na obtenção dos documentos oficiais, inclusive, com relação à revalidação de diplomas de ensino superior obtidos no exterior, apesar de a Lei nº 16.685/2018 determinar a isenção do pagamento de taxas de revalidação de diplomas de graduação, mestrado e/ou doutorado em universidades públicas de São Paulo, para pessoas refugiadas que vivam no Estado (ACNUR, 2018c). Algumas profissões são atreladas ao sistema cultural do país de origem, tal como a carreira na área de Direito, impossibilitando o seu pleno exercício, visto se tratar de um complexo

jurídico completamente diverso do brasileiro, em muitos casos, diferentemente de outras profissões, como nas áreas de Medicina, Engenharia, Administração, Tecnologia, dentre outras, que são passíveis de serem exercidas no Brasil, desde que o refugiado se submeta ao exame revalidação de diploma.

A não inserção de refugiados no mercado formal de trabalho, ou ainda, a impossibilidade do exercício de sua profissão liberal de formação, por vezes, instiga-os ao empreendedorismo como forma de sobrevivência. Um exemplo disso é Pitchou Luambo, proprietário do Restaurante Congolinária, localizado na Zona Oeste de São Paulo. Além de chef vegano, também é advogado, ator, produtor cultural, professor de francês e ativista de direitos humanos desde quando morava na África. Há oito anos mudou-se para o Brasil, refugiado dos conflitos armados do Congo, realidade cotidiana em vários países do continente africano. Na impossibilidade de atuar como advogado, abriu o pequeno negócio de comida vegana congoleza com sua filha Marie Luambo (Bastos, 2017).

## TRADIÇÕES CULTURAIS, COMÉRCIO E EMPREENDEDORISMO ÉTNICO: OS OUTSIDERS E OS ESTABELECIDOS

A discussão sobre o empreendedorismo étnico de refugiados no ramo gastronômico na cidade de São Paulo apoia-se nos conceitos de comércio étnico, empreendedorismo étnico, tradição cultural e na articulação *outsider* e estabelecido. O *comércio étnico* consiste em empreendimentos comerciais pertencentes a imigrantes, não se relacionando, portanto, à origem da mercadoria, mas à organização do empreendimento como um todo (Gomes, 2002). A venda de produtos exóticos, considerados étnicos, em lojas, não caracteriza unicamente o comércio étnico, enquadram-se outros tipos de empreendimentos nesta categoria, como as pequenas fábricas, oficinas, ateliês, estabelecimentos comerciais, geralmente, de micro ou pequeno porte. Neste contexto, Gomes (2002) aponta que por um lado, há no comércio étnico seu *ethos* cosmopolita, abrangente. Por outro, a globalização culturalmente massificadora dos hábitos, costumes e práticas de consumo, age e ameaça a preservação da herança cultural de povos oprimidos/colonizados.

Dada a ameaça à preservação da herança cultural sofrida por tais povos, o empreendedorismo étnico se coloca e pode ser compreendido, segundo Halter (2007), como um nicho étnico criado para si, por imigrantes que se encontravam em minorias raciais e étnicas em determinadas funções, em setores da economia que, por motivos diversos, determinados grupos étnicos específicos gozam de vantagem. A autora exemplifica casos como o de chineses em lavanderias, judeus na indústria de confecções, coreanos em quitandas etc. Em relação aos recentes imigrantes e refugiados advindos da África Ocidental para os Estados Unidos, Halter (2007) analisa como empreendedoras constituíram um nicho étnico para explorar as habilidades transplantadas de africanas francófonas, que se especializaram em tranças e penteados étnicos, abrindo salões de beleza para exercerem tal ofício. Neste caso, além de atender à própria comunidade de imigrantes, há a possibilidade de afro-americanos e pessoas de outras etnias de origem africana ou não, que vivam nos Estados Unidos, serem beneficiadas com a oferta deste serviço.

Por conseguinte, quando se trata daqueles que não pertencem a um grupo ou a uma população, diversos nomes podem ser empregados a fim de categorizar o de fora, o estranho, o estrangeiro. Na área de Hospitalidade é recorrente a analogia com o ato de ‘transportar a soleira’, para representar a permissão de entrada de um hóspede até então desconhecido, para ser recebido pelo anfitrião (Grassi, 2011). Para compreender tal dinâmica, aqui se adota a inversão da lógica do título da obra de Elias e Scotson (2000) ao se colocar outsiders à frente de *estabelecidos*. Isso porque, neste caso, o protagonismo é dos *outsiders*, os refugiados. Enquanto na obra de Elias e Scotson (2000) os estabelecidos são migrantes[ii] que chegaram antes, tendo se *estabelecido* há algumas gerações, os outsiders por sua vez, também migrantes, forasteiros que acabaram de chegar à comunidade de Winston Parva, onde o estudo foi realizado.

As tensões inerentes à convivência entre os antigos e novos moradores são latentes, a ponto de serem manifestações abertas [públicas], podendo ser observadas por intermédio de comportamentos dotados de

estigma dos outsiders pelos *estabelecidos* (Elias & Scotson, 2000). Daí a atualidade desta obra sociológica que analisa a exclusão e a violência simbólica que estão presentes também nas sociedades atuais. Exclusão e violência essas sofridas principalmente por imigrantes econômicos e refugiados mundo afora, inclusive no Brasil, na figura da xenofobia. A xenofobia é uma preocupação central na obra de Derrida (2003), visto que se trata de discriminação, preconceito e aversão ao estrangeiro; o autor compreende que a hospitalidade deva ser incondicional, sem excluir por razão alguma, quem dela necessite, pois trata-se de um valor humano. Em outras palavras, Kohatsu (2019) coloca que a xenofobia enquanto uma aversão ao que é estrangeiro, tal como outros tipos de preconceito, externa a dificuldade em reconhecer a humanidade no outro que se apresenta como diferente.

## O EMPREENDEDORISMO ÉTNICO GASTRONÔMICO ENQUANTO INSERÇÃO SOCIAL DE REFUGIADOS

O hábito de comer fora é largamente presente nas grandes cidades (Bell, 2005), entre outros fatores, em virtude de uma oferta gastronômica relevante, que impacta a economia, gera empregos, influencia a comensalidade e *habitus*[iii] de seus moradores. Dado o caráter cosmopolita dos grandes centros urbanos, o multiculturalismo e a diversidade cultural existentes possibilitam ao onívoro urbano uma gama de opções gastronômicas culturalmente variadas de comida étnica. Comida essa que possui um duplo caráter: autenticidade e assimilação. Isso porque, não é pelo fato de que a comida seja oriunda de outra localidade/etnia, que ela esteja a salvo de sofrer influências locais, pois os ingredientes de preferência daquele lugar, gosto / paladar do consumidor local [maior ou menor quantidade de condimentos, grau de picância, tempo de cocção, etc.] podem ser assimilados pela comida étnica.

Para além da questão da diversidade gastronômica, da variada oferta de comida étnica e do caráter cosmopolita das metrópoles, Bell (2005) propõe em sua análise que a cidade é palco de lutas [inclusive simbólicas] e protestos, local de exibição, ou seja, possui mapas de distinção: locais privilegiados, de prestígio social que destacam quem faz parte deles e, sobretudo, local de consumo. Neste último caso, consumo de comida fora do lar, como lazer, para além da necessidade de alimentar-se fisiologicamente. Um exemplo de comida como lazer na história da cidade localiza-se no Mercado Municipal Paulistano[iv], situado na região central de São Paulo-SP (Souto, 2010). Dada a sua importância histórica e cultural, tornou-se mais do que um local de aquisição de insumos alimentícios. Com uma praça de alimentação rica e diversificada, atrai turistas domésticos e estrangeiros. Isso se deve a uma tendência internacional de valorização de tradições alimentares, também presentes nas feiras livres e mercados de rua, que resgatam a interação entre freguês e comerciante, frente à impessoalidade e falta de contato humano dos supermercados contemporâneos.

Retomando a preocupação com a geração de empregos, a absorção de refugiados no setor de alimentos e bebidas, tendo seu negócio próprio e/ou empregando compatriotas, aparece como oportunidade de inserção dessa população na economia local. Um estudo realizado por Truzzi e Sacomano Neto (2007) elaborou um balanço histórico sobre a relação entre economia e empreendedorismo étnico exercido pelas diferentes comunidades étnicas que se estabeleceram no Estado de São Paulo ao longo do século XX. Assim como se verifica com os refugiados, tais imigrantes ao exercerem o trabalho assalariado, acabaram por se empregar no terceiro setor, sobretudo, no setor de comércio e serviços.

Além disso, os autores verificaram que no caso do empreendedorismo étnico apoiado por redes étnicas, isto é, redes de imigração caracterizadas por laços interpessoais que ligam migrantes, pioneiros migrantes e não migrantes, em áreas de origem e destino, por meio de vínculos de parentesco, amizade e conterraneidade. Nestas redes há tanto a solidariedade entre imigrantes em geral quanto a entre refugiados, em particular. Tais redes de imigrantes incentivam a economia étnica, baseada em valores como a cooperação e a confiança, dentre outros aspectos. As redes se abastecem com mão de obra co-étnica de baixo custo, estabelecendo relações preferenciais entre empresas fornecedoras e empresas clientes, como também, proveem informação

econômica tanto para empreendedores imigrantes quanto para aspirantes, além disso, promovem acesso a vários tipos de ajuda mútua e assistência como, por exemplo, acesso ao crédito (Light & Bhachu, 1993 apud Truzzi & Sacomano Neto, 2007).

Por outro lado, não há apenas vantagens nas redes de imigrantes. Truzzi e Sacomano Neto (2007) relatam a exploração do trabalho [ocorrência de trabalho análogo ao escravo] de imigrantes ilegais, vindos de países latino-americanos, tais como bolivianos e paraguaios [conhecidos como *brasiguaios*], pelos coreanos detentores de confecções na região central da capital paulista. O ciclo de coreanos atuando neste setor específico da economia veio a substituir o ciclo anterior formado por judeus que se estabeleceram, principalmente, na região do Bom Retiro, entre a década de 1920 até o início dos anos 2000. Isso porque, seus descendentes acabaram tendo formação no ensino superior e migraram para profissões liberais e outros ramos da economia. Todavia, também ocorre o emprego informal com a exploração do trabalho de imigrantes ilegais de uma mesma etnia, denominada exploração co-étnica.

Paralelamente ao que Gomes (2002) observa, no quartier de Belleville, em Paris, um bairro de tradição operária que se tornou reduto de imigrantes advindos de diversos locais da África, do Oriente Médio e da Ásia, observa-se algo similar nos bairros do Brás, Pari e Bom Retiro, região central de São Paulo (Véras, 2018). Nestes bairros paulistanos é possível observar a presença de congoleses, senegaleses, camaroneses, angolanos, chineses, coreanos, peruanos, paraguaios, bolivianos e recentemente, venezuelanos. Vizinhanças essas, conhecidas por episódios de violência, insalubridade e falta de equipamentos públicos; resquícios de bairros operários, antigos redutos de outras etnias: árabes, judeus e italianos, sobretudo. Tais vizinhanças acabaram por se tornar verdadeiras mecas do comércio popular, com direito a excursões de ocorrência diária, nacionais e internacionais de sacoleiros, ávidos por comprar produtos de baixo custo no atacado e varejo.

Dada a realidade socialmente excludente pela qual passam os refugiados em São Paulo, Lucena (2019) coloca a necessidade de novos eixos de análise para a compreensão da diversidade de motivos que vem provocando as migrações e refúgios. Propõe que sejam compreendidos, além das razões que levam as pessoas a migrarem ou solicitarem refúgio, o volume, o significado e modalidade das migrações, inclusive, no que se refere ao grau de marginalização, exclusão e as estratégias criadas para superar as barreiras culturais, xenofobia e processos de assimilação. De acordo com a autora, há diversos percursos teóricos e metodológicos para a compreensão da complexidade dos fluxos migratórios advindos de países da América Latina, África, Oriente Médio e Ásia para o Brasil, visto que se tratam de refugiados, migrações qualificadas, de retorno, ambiental, entre outros tipos que compõem as tendências de deslocamentos de populações na atualidade.

O empreendedorismo étnico de refugiados, proprietários de pequenos negócios na área de gastronomia na cidade de São Paulo, pode ser entendido como *comércio étnico*, tal como o protagonizado por imigrantes em Paris (Gomes, 2002). Dessa maneira, é possível compreender tal empreendedorismo como *lugar de memória* (Halbwachs, 1950; Benjamin, 1987 apud Gomes, 2002), como também, lugar urbano de acolhimento e hospitalidade (Gotman, 2001 apud Gomes, 2002), e finalmente, conforme Gomes (2002), como lugares da construção da *conveniência* (De Certeau, 1997; Raulin, 2000 apud Gomes, 2002).

Gomes (2002) discute o comércio de Belleville enquanto *lugar de memória*, conceito fundamentado em Halbwachs (1950), que compreende que a memória é um fenômeno notadamente espacial e, no caso da memória urbana, suas marcas podem ser observadas nos diversos logradouros da cidade, sendo perceptíveis ao se caminhar pelas ruas, com o possível auxílio de algum morador informante. Benjamin (1982), por sua vez, compreende que os parisienses habitam, sobretudo, as ruas enquanto espaço público, sendo o comércio um lugar de produção da memória urbana. Gomes (2002) exemplifica e distingue a sociabilidade doméstica brasileira, voltada para o espaço privado, da sociabilidade parisiense, que valoriza a rua e os lugares públicos, tais como: cafés, bistrôs, restaurantes, cinemas, teatros, museus, feiras livres etc. O comércio enquanto *lugar de memória*, assim como no bairro parisiense, possui potencial para desempenhar papel instrutivo e pedagógico, a fim de educar o *forasteiro* acerca dos comportamentos adequados e *convenientes* às relações sociais desenvolvidas nessas vizinhanças (Gomes, 2002). A autora referencia Certeau (1997) para conceituar

a *noção de conveniência*, que consiste no engajamento de cada indivíduo às suas pulsões pessoais, colaborando para a vida coletiva com o intuito de obter benesses simbólicas necessariamente tuteladas.

Ao passo que o comércio e o consumo são percebidos como lugar e atividade que remetem ao antigo significado das grandes cidades, isto é, lugar de produção e de trocas, tal significado se faz presente em bairros paulistanos, nos quais o comércio popular ainda se faz marcante: Brás, Bom Retiro, Pari, entre outros. Lugar urbano de acolhimento e hospitalidade (Gomes, 2002), pois as cidades historicamente foram equipadas para dar abrigo aos forasteiros: passantes, peregrinos, inválidos etc., nos hospitais, hotéis, pousadas, hospedarias, albergues, entre outros meios. E, por sua vez, lugares de construção da *conveniência* (Gomes, 2002), que aqui pode ser compreendida enquanto sociabilidade e *modus vivendi*, à medida que a partir desses empreendimentos, os refugiados estabelecem relações sociais com os habitantes da cidade de São Paulo.

## TENDÊNCIAS TEMÁTICAS NOS ESTUDOS DE COMENSALIDADE

A comida, como argumentado por alguns autores apresentados a seguir, é um marcador identitário e cultural de uma dada comunidade ou mesmo de um indivíduo. Em meio às tendências que se colocam nos estudos de comensalidade relacionados à temática de migrações e refúgio, estão os *foodways*, longe de se fazer uma tradução literal, até porque poderia prejudicar o significado deste conceito, seriam as diferentes comensalidades [práticas alimentares] desenvolvidas nos mais diversos *habitus* (Bourdieu, 2007) ou, em outras palavras, contextos culturais. Mas para além disso: um entendimento de que a comida, e não o alimento, carrega em si, para cada indivíduo e para cada cultura, sentidos, significados, experiências, sobretudo, sensoriais que agregam identidade, memória e relações dadas pelos laços familiares, pela comensalidade nos mais diferentes contextos: relacionamento afetivo, amizade, almoço/jantar de negócios (Giacoman, 2016).

Neste assunto, o conceito *food*, em Barthes (2013), enriquece a compreensão dos *foodways*. Ao passo que em seu entendimento, *food*, para além de substâncias com as quais se nutre, é um sistema de comunicação, um corpo de imagens, um protocolo de usos, situações e comportamentos. Dada essa abrangência, nada mais significativo do que a alimentação ser estudada, nos dias de hoje, por disciplinas como: História, Antropologia, Sociologia, Comunicação etc., pois a comida, por meio de seus sistemas alimentares, ganhou tamanha relevância a ponto de se tornar herança/patrimônio cultural imaterial. Isso porque, o conceito de patrimônio cultural imaterial compreende:

[...] as práticas, representações, expressões, conhecimentos, habilidades - bem como os instrumentos, objetos, artefatos e espaços culturais associados - que comunidades, grupos e, em alguns casos, indivíduos reconhecem como parte de sua herança cultural. Esse patrimônio cultural imaterial, transmitido de geração em geração, é constantemente recriado por comunidades e grupos em resposta ao seu meio ambiente, sua interação com a natureza e sua história, proporcionando-lhes um senso de identidade e continuidade, promovendo o respeito à diversidade cultural e à criatividade humana (Unesco, 2003, s/p.)

Dessa maneira, Cheung (2013), ao analisar o conceito preconizado pela Unesco (2003), compreende que a herança cultural diz respeito às práticas, representações, expressões, conhecimentos, habilidades dentre outros aspectos, que faz com que uma dada comunidade, um determinado grupo social se identifique com tal herança, que a transmita de geração em geração. Daí o seu caráter de patrimônio imaterial, ao passo que é recriado constantemente nos processos de transmissão, dando continuidade e promovendo o respeito à diversidade cultural. Os cinco domínios identificados no patrimônio cultural imaterial referem-se a:

[...] tradições e expressões orais, incluindo a linguagem como veículo do patrimônio cultural imaterial; artes performáticas; práticas sociais, rituais e eventos festivos; conhecimentos e práticas sobre a natureza e o universo; e artesanato tradicional com as obrigações do estado de colocar esforços nos processos de preservação (Unesco, 2003, s/p.).

Dados os diferentes significados que o patrimônio cultural imaterial possui, seu alcance tem uma forte ênfase nos processos de globalização e transformação social, juntamente com as condições que eles criam para

um diálogo renovado entre comunidades. Também sofrem, como o fenômeno da intolerância, graves ameaças de deterioração, desaparecimento e destruição, em particular em razão da falta de recursos para salvaguardar esse patrimônio (Unesco, 2003). No entanto, o paradoxo de sua preservação é que nunca encontramos o momento certo para identificá-los. Em outras palavras, estamos muito atrasados ou muito adiantados: atrasados para resgatar os itens extintos e adiantados para preservar itens modificados ou comercializados. Assim, é importante considerar a razão pela qual deveríamos continuar tentando transmiti-los para a próxima geração, enquanto enfrentamos o fato de que algumas tradições já desapareceram ou desaparecerão, ou já passaram por transformações de acordo com o interesse comercial.

A *food nostalgia*, por sua vez, expressa pelos imigrantes durante a realização de estudos de Moffat, Mohammed e Newbold (2017), pode ser traduzida pelo vocábulo exclusivo da língua portuguesa: *saudade*. A saudade da comida de seu país, do tempero de casa, não só daqueles pratos feitos pela esposa, mãe ou avó – próprio do protagonismo feminino nas memórias gustativas – mas também, de encontrar seus ingredientes e comidas favoritas nos bares, restaurantes, mercados e feiras livres; acessíveis à sua língua, compreendidos pela sua cultura, pagos na sua moeda. Sem nenhum tipo de conversão, seja de gosto [paladar], de modo de preparo [técnica culinária], de interpretação cultural, seja de conversão monetária: quantos dólares canadenses seriam necessários para comprar aquela especiaria? (Moffat, Mohammed, & Newbold, 2017). Nada como estar em casa, e não há algo mais familiar do que a comida de casa, do país ao qual pertencemos. Em outras palavras, comida é pertença e pertença se traduz em identidade: quem somos? “Somos o que comemos” (Contreras & Gracia, 2011, p. 389).

Por conseguinte, relacionadas às comidas das quais se sente saudade, por representar a identidade (Contreras & Gracia, 2011; Moffat, Mohammed, & Newbold, 2017), as comidas tradicionais e suas formas de comê-las são produto da ecologia, dos costumes e das tradições associadas à identidade etnocultural (McElroy & Townsend, 2015 *apud* Moffat, Mohammed, & Newbold, 2017). Sutton (2010 *apud* Moffat, Mohammed, & Newbold, 2017) coloca que memórias de comidas do passado podem representar nostalgia relativa à prévia identidade cultural do migrante/refugiado, porque quando as comidas familiares não estão disponíveis, a identidade etnocultural é desestabilizada e o sujeito pode se sentir ansioso, psicologicamente ou socialmente isolado (Vallianatos & Raine, 2008). Outro argumento a ser considerado nesta questão das comidas tradicionais, é que as comidas tradicionais desejadas ou comidas obtidas e consumidas em contextos culturalmente familiares são importantes na manutenção dos laços familiares e da comunidade (Ristovski-Slijepcevic, & Chapman, 2010; Vallianatos & Raine, 2008).

## RESULTADOS: TROCAS REALIZADAS ALÉM DA ESFERA MERCANTIL

Como um dos possíveis resultados, o cosmopolitismo das grandes cidades, seu caráter multicultural, fomenta a atualização das práticas culturais de refugiados advindos das mais diversas localidades, influenciada, sobretudo, pelo sistema cultural brasileiro, especificamente, paulistano, neste caso.

Segundo Gomes (2002) o comércio étnico pode ser compreendido por alguns de seus papéis não-econômicos, em outras palavras, em seus aspectos simbólicos, culturais e relacionais. Um estudo recente veio a confirmar essa compreensão por esses referidos aspectos. Realizado por um grupo de pesquisadores da área de nutrição, o estudo com refugiados sírios residentes em São Paulo que atuam em empreendimentos gastronômicos constatou[v] que no Brasil, a comida síria faz com que eles *se sintam em casa*, parece se tornar um ponto de referência e uma ponte para que continuem percebendo-se e reconhecendo-se enquanto sírios (Scagliusi, Porreca, Ulian, *et al.*, 2018).

Dessa pesquisa foram obtidos sete temas [categorias] que permearam as narrativas e respostas proferidas pelos refugiados sírios: (1) variedade, (2) quem prepara a comida para que ela seja considerada síria, (3) ingredientes, (4) a apresentação da comida, (5) preferência social para o hábito onívoro, (6) trabalho e (7) conexão com o núcleo familiar e o parentesco expandido (Scagliusi *et al.*, 2018). Tais categorias refletem não

somente as principais preocupações e assuntos que permeiam a comensalidade e as demais relações implicadas com a alimentação entre estes sírios [comida como trabalho, por exemplo], como também, demonstram a identidade deles, quem eles são através de sua comida. Por isso o cuidado com os ingredientes, a preocupação com quem prepara a comida (autenticidade), a apresentação da comida preparada [estética do prato e serviço], o hábito de consumo onívoro, de se comer todo tipo de alimento, desde que seja permitido [Halal, por serem muçulmanos].

## CONCLUSÃO

Ao longo do presente artigo buscou-se delinear uma discussão acerca do empreendedorismo étnico protagonizado por refugiados. A fim de compreender esse recente fenômeno foram colocados conceitos chave para a fundamentação teórica, tais como: migração, refúgio, habitus, comércio étnico, empreendedorismo étnico, redes de imigrantes, empregabilidade de imigrantes e refugiados, comida tradicional ou étnica, entre outros, bem como, as tendências dos estudos que relacionam comensalidade com migrações e refúgio: *foodways*, patrimônio cultural imaterial e food nostalgia. A cidade enquanto local de multiculturalismo (Bell, 2005) proporciona oferta de diversidade étnica na gastronomia, comida étnica essa que se traduz por um lado na autenticidade de seu lugar de origem e, por outro, na assimilação que sofre da cultural local, na qual está inserida. A cidade também é palco de disputas, local de consumo e de exibição de seus comensais, sem falar nas áreas marcadas pela distinção.

O caráter cosmopolita da cidade de São Paulo, constituído por diversas etnias resultantes de migrações que a constituíram, possui até os dias de hoje, redes de migrantes, que baseadas em valores como cooperação e confiança proporcionam ajuda mútua, integração, sociabilidade entre imigrantes, pioneiros imigrantes e não imigrantes (Truzzi & Sacomano Neto, 2007). Os recentes estudos que abordam as tendências das temáticas de comensalidade relacionadas às migrações e refúgios têm contribuído para a compreensão de conceitos que podem ser utilizados para o estudo da comensalidade (Cheung, 2013; Mackendrick, 2014; Giacoman, 2016; Moffat, Mohammed, & Newbold, 2017), pois os *foodways* fazem parte do cotidiano da população mundial, pois configuram-se numa condição imprescindível à existência humana.

Além disso, é possível concluir que o empreendedorismo étnico gastronômico da cidade de São Paulo pode ser interpretado à luz do comércio étnico protagonizado por imigrantes em Paris, visto que em ambos os casos, a troca mercantil transcende sua materialidade e fim econômico, propicia a existência de lugares de práticas simbólicas relacionadas à memória, identidade e oportunidade de sociabilidade ao se viabilizar como *lugar de convivência* (Gomes, 2002).

É *lugar de memória* (Gomes, 2002), ao passo que o comércio e o consumo são percebidos como lugar e atividade que remetem ao antigo significado das grandes cidades, isto é, lugar de produção e de trocas, no caso de São Paulo, nos bairros do Brás, Bom Retiro e Pari, por exemplo. As cidades historicamente constituídas com a finalidade de abrigar forasteiros em geral, com um aparato de hospitais, albergues, hotéis, pousadas etc., conhecidas como lugar urbano de acolhimento e hospitalidade (Gomes, 2002). As cidades enquanto lugares de construção da 'conveniência' preconizam a sociabilidade e impõem o *modus vivendi* [costumes, comportamentos e hábitos locais] a seus novos habitantes (Gomes, 2002). Fenômeno que se concretiza nos empreendimentos étnicos na área de gastronomia, ao À medida que os refugiados estabelecem relações sociais e tomam contato direto com os moradores da cidade de São Paulo.

Por fim, a partir de um estudo etnográfico com refugiados sírios residentes em São Paulo que atuam em empreendimentos gastronômicos, os pesquisadores constataram que ao preparar e comercializar a comida síria, esses refugiados *sentem-se em casa*, contribuindo para que continuem se percebendo e se reconhecendo enquanto sírios (Scagliusi *et. al.*, 2018).

## REFERÊNCIAS

- Agência da Organização das Nações Unidas para os Refugiados - ACNUR (2018a). *Dados sobre refúgio*. Link
- Agência da Organização das Nações Unidas para os Refugiados - ACNUR (2018b). *Global Trends Forced Displacement in 2017*. Relatório das Tendências Globais para Deslocamentos Forçados em 2017. Link
- Agência da Organização das Nações Unidas para os Refugiados - ACNUR (2018c). *Lei que isenta refugiados de taxas para revalidar diplomas é sancionada em São Paulo*. Link
- Agência Sebrae de Notícias - Sebrae (2019). *Pequenos negócios sustentam geração de empregos no país mostra pesquisa*. Publicado em 12 MAR. Link
- Barthes, R. (2013). Toward a Psychosociology of Contemporary Food Consumption. In C. Counihan & P. Van Esterik, (ed.) *Food and culture: a reader*, 23-30. Nova Iorque: Routledge.
- Bastos, E. (2017). Congolinária gastronomia congoleza vegana por um refugiado. *Blog SIPVEG*. Link
- Bastos, S. R. (2004). Hospitalidade e História: imigrantes na cidade de São Paulo em meados do Século XIX. *Cadernos CERU*, 15, 151-164. Link
- Bauman, Z. (2003). *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Bauman, Z. (2017). *Estranhos à nossa porta*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Beagan, B. L., Ristovski-Slijepcevic, S. & Chapman, G. E. (2010). People are just becoming more conscious of how everything's connected: "ethical" food consumption in two regions of Canada. *Sociology*, 44(4), 751-769. DOI
- Bell, D. (2005). Gosto e espaço: comer fora nos dias de hoje. In: D. Sloan, *Gastronomia, restaurantes e comportamento do consumidor*. pp. 51-68. Barueri, SP: Manole.
- Benjamin, W. (1987). *Obras escolhidas II*. Rua de mão única. São Paulo: Brasiliense.
- Bourdieu, P. (2007). *A distinção: crítica social do julgamento*. Porto Alegre: Zouk.
- Camargo, C. da S. & Herédia, V.B.M. (2018). Preconceito como sinal de hostilidade nas relações entre imigrantes: o caso de Caxias do Sul-RS, Brasil. *Revista Rosa dos Ventos Turismo e Hospitalidade*, 10(2), 388-402, DOI
- Cheung, S.C.H. (2013). From foodways to intangible heritage: A case study of Chinese culinary resource, retail and recipe in Hong Kong. *International Journal of Heritage Studies*, 19(4), 353-364. DOI
- Contreras, J.& Gracia, M. (2011). Síntese: a modernidade alimentar, entre a globalização e os particularismos. In: J. Contreras & M. Gracia, *Alimentação, sociedade e cultura*. pp. 389-452. Rio de Janeiro: Fiocruz.
- De Certeau, M.; Giard, L. & Mayol, P. (1997). *A invenção do cotidiano*. Morar; cozinhar. Petrópolis-RJ: Vozes.
- Derrida, J. (2003). Anne Dufourmantelle convida Jacques Derrida a falar *Da Hospitalidade*. São Paulo: Escuta.
- Elias, N. & Scotson, J. L. (2000). *Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Giacoman, C. (2016). The dimensions and role of commensality: A theoretical model drawn from the significance of communal eating among adults in Santiago, Chile, *Appetite*, 107, 460-470. DOI Link
- Gomes, L. G. (2002). Comércio étnico em Belleville: memória, hospitalidade e conveniência. *Revista Estudos Históricos*, (29), 187-207, Link
- Gotman, A. (2001). *Le sens de l'hospitalité*. Essai sur les fondements sociaux de l'accueil de l'autre. Paris: PUF.
- Grassi, M.-C. (2011). Transpor a soleira. In: A. Montandon. (Org.). *O livro da hospitalidade*. pp. 45-62. São Paulo: Senac.
- Halbwachs, M. (1950). *La mémoire collective*. Paris: PUF.
- Halter, M. (2007). Cultura econômica do empreendimento étnico: caminhos da imigração ao empreendedorismo. *Pensata*. Revista de Administração de Empresas. 47(1), 99-115. Link
- Instituto Brasileiro de Economia e Estatística - IBGE (2011). *Reflexões sobre os deslocamentos populacionais no Brasil*. Link
- Kohatsu, L. N. (2019). Imigração, assimilação e xenofobia: algumas notas. *Cadernos Ceru*, 30(1), 50-75. Link

- Lucena, C. T. (2019). Migrações contemporâneas e impasses identitários: algumas teorias e conceitos. *Cadernos Ceru*, 30(1), 19-49. Link
- Mackendrick, N. (2014). Foodscape. Jargon key concepts in social research. *Contexts*, Summer, 16-18. Link
- McElroy, A. & Townsend, P. K. (2015). *Medical Anthropology in ecological perspective*. Boulder, CO: Westview Press.
- Moffat, T., Mohammed, C., & Newbold, K.B. (2017). Cultural dimensions of food insecurity among immigrants and refugees. *Human Organization*, 76(1), 15-27. DOI
- Raulin, A. (2000). *L'ethnique est quotidien*. Diasporas, marchés et cultures métropolitaines. Paris, L'Harmattan.
- Scagliusi, F. B., Porreca, F. I., Ulian, M. D., Sato, P. M., & Unsain, R. F. (2018). Representations of Syrian food by Syrian refugees in the city of São Paulo, Brazil: An ethnographic study. *Appetite*, 129, 236-244. Link
- Souto, I. M. T. (2010). Patrimônio cultural e hospitalidade no Mercado Municipal Paulistano. *Anais... VII Seminário da ANPTUR 2010*. São Paulo: UAM. Link
- Sutton, D. E. (2010) Food and the Senses. *Annual Review of Anthropology*, 39, 209-223. DOI
- Truzzi, O. M. S. & Sacomano Neto, M. (2007). Economia e empreendedorismo étnico: balanço histórico da experiência paulista. *Revista de Administração de Empresas*, 47(2), 1-12. Link
- Vallianatos, H. & Raine, K. (2008). Consuming food and constructing identities among Arabic and South Asian immigrant women. *Food, Culture and Society*, 11(3), 355-373. DOI
- Véras, M. P. B. (2017). Estrangeiros na metrópole: territórios e fronteiras da alteridade em São Paulo. *Revista USP*, 114, 45-54. DOI
- Unesco (2003). *Convenção para salvaguarda do patrimônio cultural imaterial*. Link

## NOTAS

- [i] Diásporas significam deslocamentos, dispersões de povos, de quaisquer etnias, normalmente incentivados ou forçados de uma dada região para vários locais de acolhimento. Na perspectiva de Hall (2003), no tocante aos estudos culturais, o termo se aplica aos fenômenos relativos às migrações humanas de países (ex-colônias) para suas antigas metrópoles. Para esse autor o conceito restrito de diáspora se baseia numa concepção binária de diferença, pois baseia-se na construção de uma fronteira de exclusão e depende da construção de um “outro” e de um contraste rígido entre o interno e o externo.
- [ii] O termo migrante, aqui designado serve para se referir ao imigrante, ao migrante e ao emigrante, pois o que é determinante é o deslocamento em si, o movimento de migração, e não a origem do fluxo, se entrou ou saiu de determinado país.
- [iii] Compreende a habilidade de uma dada estrutura social ser incorporada pelos agentes por meio de novos arranjos que impactam em seu modo de ser, sentir, pensar e agir (Bourdieu, 2007).
- [iv] Conhecido como “Mercadão”, o referido mercado localiza-se na região central de São Paulo, à rua Cantareira, nº 306 e 377, tombado pelo Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico do Estado de São Paulo (CONDEPHAAT) em 2004, tornou-se um importante centro de abastecimento e lazer. No ano de seu tombamento foi concluída a primeira fase de sua restauração, com a construção do mezanino que abriga a praça de alimentação, com vários restaurantes de culinárias diversificadas, além de outros serviços: sanitários, fraldários, vestiários e refeitório para funcionários do mercado (Souto, 2010).
- [v] Por meio de uma abordagem qualitativa: entrevistas semiestruturadas, etnografia e observação participante e não-participante.